

MARCAS DA EXISTÊNCIA: o universo da tatuagem e marcas corporais sob a ótica da diversidade cultural

Jurandir de Sousa Corrêa Júnior¹

Resumo: Este artigo tem como principal foco analisar e discutir sobre a prática da tatuagem em sua diversidade cultural. Desse modo, procuramos enfocá-la sob uma perspectiva multifacetada, levando em conta alguns contextos étnico-culturais. Ademais, buscamos abordar a questão da prescrição e proscrição do uso de tatuagem de acordo com mentalidades e imaginários de épocas, visando, também, compreender os “porquês” que fundamentam os estereótipos e preconceitos em relação a essa forma de manifestação cultural particular ou coletiva. No tocante à metodologia de pesquisa, decidimos pelo processo investigatório bibliográfico. Quanto aos resultados deste trabalho, constatamos que a prática da tatuagem é permeada pela diversidade cultural. De um lado, ela se faz presente no cotidiano de grupos sociais que a interpretam como marca que eterniza os fatos da vida biológica e social. De outro, ela é estigmatizada por um legado cristão que percebe nos deleites do toque a corrupção do corpo. Portanto, a cultura das marcas corporais demonstra-se entrelaçada ao constante embate entre o “tempo sagrado” e o “tempo secular”. Sua difusão na sociedade judaico-cristã ainda encontra-se cerceada pelo imaginário teocêntrico antagônico à visão hedonista que valoriza os prazeres terrenos.

Palavras-chave: Prática da Tatuagem – Diversidade Cultural – Manifestação Cultural – “Tempo Sagrado” – “Tempo Secular”.

1 INTRODUÇÃO

Os adornos e fetiches corporais nunca estiveram tão na moda. A tatuagem, como era de se esperar, também entrou nessa onda. No entanto, um aspecto relacionado à prática das marcas corporais, instigou-nos a pensar sobre a questão da prescrição e proscrição da intervenção-tatuagem na atualidade: é o fato de persistir na sociedade cristão-burguesa, a incidência de tabus em relação a essa forma de manifestação cultural.

Contudo, apesar de o corpo pós-moderno ainda sofrer significativa circunscrição, devido à interferência ideológica de dogmas religiosos, vemos nas

¹ Jurandir de Sousa Corrêa Júnior. Graduado em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Graduado em Música pela Universidade Metropolitana de Santos – SP. Pós-graduado em Educação Musical com destaque para Música Popular pelo Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. Pós-graduado em Antropologia pela Universidade Candido Mendes – RJ. E-mail: juradosax@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7705467902856031>

interfaces da percepção corporal o desejo pela emancipação e secularização do mesmo. Nesse contexto, a inserção da corporalidade no embate entre o “sagrado” e o “profano” torna-se inevitável.

Assim,

(...) penetrar no universo da tatuagem é mais do que conhecer as curiosidades de sua história. As diferenças que a caracterizam ao longo dos séculos e de acordo com cada cultura expressam o quanto o ato de tatuar se insere nas malhas da historicidade e, ao mesmo tempo, no fluxo do devir. Talvez porque seja **o destino do corpo fazer parte de mundos aparentemente opostos**, tais como aqueles da natureza e da história, a tatuagem inscrita na pele parece tornar evidente a costura, por vezes mal feita, entre a densidade da cultura, com sua arte e sua lei, e as memórias da fisiologia humana, guardadas no interior da pele (SANT’ANNA apud RAMOS, 2001, p. 13, grifo nosso).

Portanto, na condição de pesquisador, engajamos na aventura de investigar esse “universo da tatuagem”, aspirando compreendê-lo em sua diversidade cultural, buscando também entender os motivos que, possivelmente, suscitam a estigmatização da tatuagem como forma de coibi-la, socialmente.

Por isso, o problema que motivou a construção deste artigo consistiu no seguinte enfoque: como se dá a relação da tatuagem com a diversidade cultural, ou ainda, o que fundamenta os estereótipos e preconceitos em relação a essa forma de manifestação cultural particular ou coletiva?

Desse modo, mediante o problema levantado, entendemos que o objetivo geral é analisar e discutir sobre a prática da tatuagem em sua diversidade cultural, tendo como objetivos específicos: enfocar esse tipo de manifestação como uma forma de comunicação corporal, evidenciando contextos étnico-culturais; demonstrar aspectos históricos da tatuagem, abordando a questão dos usos e desusos, de acordo com mentalidades e imaginários de épocas; e, por último, discutir sobre a situação do corpo frente à contemporaneidade.

No tocante aos procedimentos investigativos, pretendemos optar pelo levantamento bibliográfico. Uma das razões para a escolha desse tipo de delineamento consiste na possibilidade de articulações que se exigem na relação entre a fundamentação teórica em consideração ao objeto a ser pesquisado. Além disso, quanto aos objetivos, a pesquisa foi do tipo, exploratória, pois visa ao descobrimento de noções e *insights* referentes à temática em questão.

2 CORPOS ILUSTRADOS E MENTES TATUADAS

A tatuagem pode ser considerada uma produção cultural que remonta milhares de anos. No entanto, a mesma não é um elemento de manifestação cultural recente, muito menos exclusivamente ocidental. Afinal, a tatuagem é tão antiga quanto o homem. Para Marques (1997, p.2), “a tatuagem é antiga como a humanidade. Nasceu na pré-história, conquistou os cinco continentes, foi perseguida, virou moda, entrou na Internet”.

Assim, a arte de tatuar vem se propagando ao longo da história de muitos povos, tornando-se paulatinamente uma produção cultural sagrada e profana, para heroificar o corpo, dando-lhe algum tipo de significado, mágico ou divino. Portanto, a prática de tatuagem, de acordo com determinados contextos étnico-culturais, pode ser percebida como uma forma de vestir o corpo com emotividade e com graça. Nesse aspecto, o corpo humano permite ser visto como um “(...) traje sagrado, (pois) é o primeiro e o último traje de uma pessoa: é nele que se entra na vida e é com ele que se parte dela; deve ser tratado com honra, e com alegria e medo também. Mas sempre com graça” (GRAHAM, 1993 apud RAMOS, 2001, p. 21).

De outra forma, o corpo possibilita ser interpretado como o receptáculo da tatuagem que, através de incisões na pele, conta parte de uma história, trajetória de vida e flagrantes sensacionais. Com isso, a pele aparece também como elemento sagrado, ponte que permite a ligação com o imaginário. Enfim, “a pele é a ponte sensível do contato com o mundo e pode ser também um abismo; é o nosso órgão mais extenso, é o nosso código mais intenso, um lar de profundas memórias” (CREMA apud LELOUP, 2004, p. 9).

No decorrer de sua trajetória histórica, a tatuagem sempre deixou suas marcas, venceu obstáculos e está evidente. Ao deixar suas pegadas na história, não esconde as suas funções: “no tempo e no espaço, suas funções básicas são sempre as mesmas: identificar e narrar. (...) (Ou ainda), demonstração de coragem, maturidade ou crença (...)” (MARQUES, 1997, p. 2). Em outras palavras, Pierrat e Guillon (2000 apud COSTA, 2003, pp. 13-14), nos trazem algo mais sobre a função da tatuagem relacionada às seguintes representações:

- Como uso de marca de identidade: é possível encontrá-la em diferentes sociedades portando significações distintas. Em algumas, fazendo parte de marcas que distinguiam nobres e guerreiros; já em

outras, servindo para designação de escravos, estrangeiros, prostitutas, párias², etc.

- Como uso religioso: servindo para marcar tanto adeptos quanto hereges, ou mesmo perigosos à religião. Nas ditas sociedades primitivas, como proteção para livrar de maus espíritos.
- Em algumas sociedades fazendo parte de cerimônias com a função de passagem de um estado a outro, com uma mudança de identidade social: adolescência, maternidade, etc. Frequentemente, acompanhando uma mudança de nome. Assim, nas sociedades que a tatuagem constitui-se como ritual pode-se destacar as seguintes funções: tatuagem social, representação do totem³ do sujeito; tatuagem comemorativa, lembrando época da puberdade, ou outro evento marcante da vida; tatuagem de luto, na morte de parente ou amigo; tatuagens mágicas, como condição de proteção; tatuagens terapêuticas⁴ e, como último, tatuagens ornamentais.

Enfatizando a questão do uso de tatuagem como marca de identidade, podemos dar alguns exemplos. Num passado não muito remoto, determinadas classes de escravos eram tatuadas com motivos que funcionavam como distintivos sociais. Estes distintivos limitavam a dinâmica social dos indivíduos dentro da sociedade da qual pertenciam. Ou seja, a liberdade de exercerem o papel de cidadania lhes era omitida.

Um dos métodos de tatuar mais recorridos para fins de identidade era o *branding*. Este método consistia em “(...) marcas feitas a partir de desenhos recortados no ferro, aquecido então na brasa e impresso na pele” (RAMOS, 2001, p. 35).

Ainda complementando,

Quando não havia fotos e assinaturas que atestassem que você é você e outra pessoa é outra pessoa, os registros mais comuns determinavam apenas sua nacionalidade ou a quem você pertencia. O método mais usado consistia em marcas feitas com ferro em brasa – como as que identificam o gado hoje. Na Rússia do século 16, os escravos eram feridos com barras incandescentes no rosto. O costume perdurou na França entre os séculos 7 e 16. Uma flor de lis, símbolo da monarquia, assinalava a pele dos criminosos (MIRANDA, 2004, p. 23).

² O termo “pária” é designado para identificar a casta marginalizada na sociedade hindu. Ou também, a camada da sociedade que não possui direitos sociais e religiosos.

³ A palavra “totem” pode conotar um símbolo sagrado para determinado indivíduo.

⁴ “De acordo com os autores, este foi descoberto como um dos usos mais antigos, na forma de pequenas incisões na coluna, por exemplo, em um suposto tratamento de artrite, entre outros”. (COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais**: atualizações do sagrado. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003).

Além de imprimir as insígnias que limitavam muitos escravos em suas esferas sociais, o *branding*, assim como outros métodos de tatuar, também imprimia na pele símbolos de distinção familiar. Hoje, como temos sobrenomes que identificam nossas hierarquias genealógicas, distintos povos também utilizaram e ainda utilizam a prática de marcarem em seus corpos suas identidades familiares. Dessa forma, podemos dizer que uma espécie de brasão familiar é introduzida não só no imaginário do usuário, como também sob a própria pele (epiderme). Na atualidade, uma das etnias indígenas que ainda utilizam essa prática cultural, está estabelecida no Estado de Santa Catarina – Brasil. Os “Xoklengs” ou “Botocudos”, como são chamados, fazem uso de tal costume para identificar seu clã.

Também aqui nas Américas essa prática de tatuar o corpo foi bastante recorrente entre seus primeiros habitantes. *Seminoles*, *Creeks* e *Cherokees*, tribos norte-americanas, recorriam à tatuagem e imprimiam definitivamente no corpo já do recém-nascido, no dia em que ele recebia seu nome, as insígnias de seus clãs. Caveiras, flores, estrelas, animais ou traços geométricos simbolizavam a filiação definitiva a uma tribo. O método seguido variava segundo a tribo. Muitos recorriam ao corte da pele, onde introduziam uma mistura de cinzas com manteiga, enquanto outros recorriam ao método do *branding* (...). (...) Semelhante método foi usado pelos índios *Caduveos*, no Brasil, que imprimiam no seu corpo imagens que representavam brasões hierárquicos (RAMOS, 2001, p. 35).

Como sinal de nobreza, a **tatuagem** também não deixa de dar o seu toque. Muitas sociedades, como os *Maoris* da Nova Zelândia, por exemplo, utilizam-na para diferenciação social. Assim, um *Maori* ter inscrições corporais significa ter *status* de nobreza. Para ele, a arte de tatuar o corpo possibilita o exercício da cidadania. Em contrapartida, o escravo é impossibilitado de se tatuar. Portanto, nessa sociedade, a tatuagem destina-se somente ao cidadão.

Em algumas etnias, escravos e prisioneiros eram tatuados para serem estigmatizados, em outras, as marcas corporais enaltecem a posição social. Posto isto, fica evidente que a tatuagem não é um simples desenho corporal, mas um elemento imagético complexo permeado pelo imaginário social. Enfim, para “(...) os *Maoris*, (da) Nova Zelândia, (...) a tatuagem contém uma força sagrada e, por isso, seu portador é um homem livre e nobre, possui um *status* diferenciado. Os escravos, nesse contexto, não têm o direito de portarem uma tatuagem” (RAMOS, 2001, p. 28).

A questão da estética da tatuagem para os *Maoris* também é levada em conta. Os motivos a serem tatuados é que fazem a diferença. Isso significa dizer que a complexidade das espirais desenhadas simboliza o destaque social. Complementando, “(...) o motivo mais recorrente entre os *Maoris* é a espiral, tendo cada curva um significado” (Id., 2001, p. 28). A partir dessas observações, podemos denotar que a quantidade de espirais tatuadas, bem como a beleza de suas curvas, identifica a hierarquia do indivíduo dentro da sociedade da qual pertence.



Figura 1 – Grafismo da Cultura *Maori*
Fonte: Gröningapud Ramos (2001, p. 29).

A tatuagem como símbolo de força e coragem também deixa a sua marca. Muitos homens do passado⁵, como caçadores e guerreiros, usavam inscrições corporais para comunicarem aos membros de suas comunidades, a bravura que possuíam para enfrentar o inimigo na guerra ou a caça nas florestas. Ou ainda, para condecorarem seus feitos heróicos. Assim como existem muitos desportistas que ostentam suas medalhas e outras condecorações para comemorarem suas vitórias, muitos guerreiros marcaram seus corpos para comemorar algum tipo de vitória. Afinal, as tatuagens eram as suas medalhas. Em outras palavras, as tatuagens atribuíram “(...) virtudes e honrarias a certos grupos, como por exemplo, os soldados romanos que marcavam suas glórias em combate” (KATAOKA, 2003, p. 5).

⁵ A expressão “homens do passado” não tem a pretensão de determinar que a prática cultural supracitada existiu somente no passado, mas, pretende exemplificar aspectos referentes à história do referido costume. No entanto, atualmente, ainda encontramos culturas - como a Cultura *Iban*, situada na Borneo Malaia – que cultivam tal tradição.

Na Cultura *Iban*, na Borneo Malaia, tal costume faz parte do ideário da etnia. Os *Ibans*, quando matam um inimigo na batalha, pegam sua cabeça e, com isso, adquirem o direito de fazerem a tatuagem nos dedos, a incisão mais sagrada para o grupo. Entretanto, se o caçador de cabeças⁶ for muito jovem, ele fica impossibilitado de proceder com as inscrições. Segundo a tradição, se tal tabu for desrespeitado o tatuador que fez a tatuagem fica doente e o tatuado também. É o que confirma Ernesto⁷ (apud TERÇA, 2002, p. 8), quando diz: “(...) são muito jovens, [por isso] não podem fazer (a tatuagem), mesmo quando matam alguém (...). (...) Então, se fizerem isso, o cara que recebe a tatuagem fica doente e o cara que fez a tatuagem também fica”. Desse modo, fica evidente o respeito que os tatuadores *Ibans* têm com a tradição. A única tatuagem que não fazem é a tatuagem nos dedos, a menos que o caçador prove o seu heroísmo trazendo a cabeça do inimigo. Nesse contexto, os *Ibans* recorrem ao uso das marcas corporais como símbolo de força e coragem.

Uma outra curiosidade interessante que encontramos na Cultura *Iban* é a busca de significados especiais na flor de berinjela. O desenho da flor é muito utilizado como motivo para a tatuagem tribal do referido grupo étnico. O principal significado dessa prática reside no fato de que, quanto mais pétalas o indivíduo puder tatuar, mais paciência o mesmo possuirá. De acordo com McCallum⁸ (apud TERÇA, 2002, p. 9), “(...) para os *Ibans*, cada pétala (da flor) simboliza um nível de paciência. Quanto mais pétalas, mais paciente você fica. (Além disso), a espiral (contida na flor), significa sua linha da vida e garante segurança nas viagens”, enfatiza ele.

Em última análise, esta etnia vê na arte de tatuar o corpo uma maneira de estar em pleno contato com a cultura de seus ancestrais. Pois, segundo a tradição, os *Ibans* são descendentes de tigres. Assim, os desenhos corporais nesta sociedade servem não só para lustrar o corpo, como também, para ilustrar o próprio imaginário. Para reforçar essa situação, Ernesto (apud TERÇA, 2002, p. 10), complementa: “diz a lenda que somos descendentes de tigres. Os tigres têm listras, então estas são

⁶ A expressão, “caçador de cabeças”, se refere ao cognome dado a muitos *Ibans* que, nas batalhas, arrancam cabeças de inimigos com o intuito de se destacarem socialmente, tendo como sinal a tatuagem nos dedos.

⁷ Um dos poucos tatuadores no mundo que procuram preservar a Cultura *Iban*. Ernesto é um dos entrevistados no documentário intitulado “Terça Selvagem”, produzido pela *National Geographic Channel*.

⁸ Narrador no referido documentário produzido pela *National Geographic Channel*.

nossas listras (...). Como podemos perceber, o cotidiano da tribo está repleto de significados especiais. Posto isto, fica evidente que a etnia *Iban* sacraliza as marcas corporais. Enfim, “(...) se você perder a tatuagem, você perde a Cultura *Iban*” (RAINIER apud TERÇA, 2002, p. 10) – esclarece Rainier⁹.



Figura 2 – Grafismo da Cultura *Iban*. Motivo tatuado na mão e nos dedos como sinal de *status* para o intitulado “caçador de cabeças”.
Fonte: Terça (2002, p. 11).



Figura 3 – Grafismo da Cultura *Iban*. Tatuagem da flor de berinjela com suas pétalas significando os níveis de paciência e sua espiral representando a linha da vida.
Fonte: Terça (2002, p. 12).

Como sabemos, as marcas corporais são usadas para marcar os fatos da vida biológica e social de determinados grupos étnicos. Desse modo, elas servem

⁹ Fotógrafo das tatuagens *Ibans*. É um dos entrevistados no documentário.

para ilustrar nascimentos, período de infância, adolescência, reprodução, morte, casamentos, celebrações de vitórias e rituais diversos, que possibilitam, muitas vezes, mudança de identidade social. Em outras palavras, as inscrições corporais denotam:

(...) um fenômeno social e cultural, mais ou menos elaborado segundo o nível de desenvolvimento das diferentes sociedades e constituindo-se, essencialmente, numa prova iniciática. (Ou ainda), repertório de atos importantes da vida, marca guerreira e símbolo de coragem, signo de **integração** ao grupo e de **identificação** entre as tribos (...) (PIERRAT; GUILLON, 2000, p. 64, grifo nosso, tradução nossa).

Em determinadas etnias, a pigmentação escura da pele não impede a produção de artes corporais. Como a visualização da tatuagem nestes grupos fica ofuscada, métodos alternativos fazem a diferença. Um exemplo de método alternativo para perpetuar a arte corporal é a escarificação, que consiste em cortes feitos na pele com lâminas finas de ferro ou outro material. Após as incisões, desenhos em alto relevo bem elaborados, tornam-se visíveis na epiderme.

Por conseguinte, em muitas culturas este método pode ser visto como um segredo artístico para a identificação das tribos. Afinal, a escarificação ritual veste o corpo para fazê-lo existir. Ou seja, impede que seja transparecida a nudez biológica e social do indivíduo. Isso significa dizer que, tais mutilações, são associadas às representatividades ritualísticas de grupos sociais que buscam reforçar os laços de identidade e afetividade entre si. De modo complementar, podemos dizer que a inscrição corporal "(...) é uma marca de identificação dentro do grupo étnico ao qual você pertence. Vivemos em uma era onde as coisas são instáveis. As pessoas querem garantir que você siga os valores e o modo de vida de seu próprio povo" (ABIMBOLA¹⁰ apud TERÇA, 2002, p. 15).

De outro modo, a incisão corporal, de acordo com culturas e tradições, pode servir como um antídoto para o esquecimento, perpetuando, assim, as práticas culturais dos antepassados. Então, é possível percebermos que a cultura de marcar o corpo, no decorrer de sua trajetória histórica, se torna um poderoso elemento para alimentar tanto a memória individual quanto a memória coletiva de determinado grupo.

¹⁰ Uandi Abimbola é professor de religião na Universidade de Boston – EUA. É um dos colaboradores no documentário produzido pela *National Geographic Channel*.

Assim, a escarificação ritual bem como, diversos outros tipos de mutilações corporais para fins ritualísticos, podem ser encontrados “(...) na África negra, por exemplo, onde o corpo nu precisa ser marcado para existir” (BRUNA, 2001 apud COSTA, 2003, p. 11).

Ainda complementando,

(...) os anéis, pinturas, escarificações ou mutilações, cobrem o corpo do indivíduo, dando-lhe uma identidade de pertença. Sem esses elementos, a nudez o deixaria vulnerável. Nessas sociedades [africanas], essas marcas não têm somente função ornamental. Trazem também reconhecimento social e religioso, muitas vezes fazendo função de amuletos de proteção (Id., 2001 apud COSTA, 2003, p.11).

Para ilustrar o contexto, podemos tomar como exemplo as escarificações realizadas nos ritos de passagem pela tribo *Bessoribe* em Benin, oeste da África. Esta tribo cultiva a tradição há centenas de anos. Os *Bessoribes* costumam marcar o rosto para identificar o começo da infância e o peito para indicar maturidade, ou seja, para demonstrar a passagem da infância para a vida adulta. Assim, como estes possuem suas formas de representar suas vivências a partir do cotidiano, outras sociedades também cultivam suas representações culturais de acordo com seus costumes e tradições.

Logo, temos, em sociedades cristãs, o costume de realizar rituais religiosos que objetivam a passagem de um estado a outro: momentos da vida que possibilitam mudança de identidade, ou melhor, momentos que inserem o indivíduo em sua esfera social. Dessa forma, práticas cerimoniais como batismos de crianças, de adultos, dependendo da denominação religiosa, crismas, casamentos no religioso, cerimônias fúnebres, etc., procuram dar conta de estabelecer marcos biológicos e sociais na trajetória de vida de seus componentes.

Assim sendo,

(...) o homem só é homem na medida em que está entre outros homens e **revestidos dos símbolos** representativos da sua razão de ser. [Porém], *nus e imóveis* tanto o grande sacerdote como o vagabundo não passam de simples cadáveres de mamíferos superiores num tempo e num espaço destituído de significação, *pois deixaram de ser* o suporte de um sistema simbolicamente humano (GOURHAN, 1965, p. 121, grifo do autor).

Em suma, revisitando o universo das modificações corporais percebemos que,

Para esses povos todos, a tatuagem faz parte da percepção corporal, quer seja ela estética, física ou espiritual. São as marcas tatuadas, escarificadas ou laceradas que dão significado ao corpo, embelezam-no, deixam-no saudável, bonito, atraente, desejado, **humano**. Um corpo sem marcas não existe culturalmente ou mesmo espiritualmente, não pertence a uma tribo, etnia ou grupo social. Está desassociado do mundo e não encontra algum prazer ou respeito (RAMOS, 2001, p. 36, grifo nosso).

Portanto, a prática de tatuagem pode dar vida ao cadáver humano, inserindo-o num sistema dinâmico de ressignificações, fazendo-o existir socialmente e culturalmente. De outra forma, o homem sem símbolos não existe, perdeu a sua razão de ser, mergulhou no esquecimento, silenciou sua própria memória.

3 CORPO TATUADO EM CENA NA CONTEMPORANEIDADE

A pós-modernidade¹¹ vive a euforia da espetacularização do corpo. Devido ao inexorável consumismo da sociedade capitalista, a incessante busca por individualidades tem se configurado como um fator de fundamental importância para a afirmação de identidades.

Assim, “para a mentalidade pós-moderna, desenvolver o **corpo** é um modo de amar a si mesmo (narcisismo). (...) (Ademais), o consumo proporciona prazer individual. (...) (Enfim), comprar, consumir, aperfeiçoar o corpo e a alma são as metas do mundo pós-moderno” (SCHMIDT, 2005, p. 315, grifo nosso). Em outras

¹¹ “As características da pós-modernidade podem ser resumidas em alguns pontos: propensão a se deixar dominar pela imaginação das mídias eletrônicas; colonização do seu universo pelos mercados (econômico, político, cultural e social); celebração do **consumo** como expressão pessoal; pluralidade cultural; polarização social devido aos distanciamentos acrescidos pelos rendimentos; falências das metanarrativas emancipadoras como aquelas propostas pela Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. A pós-modernidade recobre todos esses fenômenos, conduzindo, em um único e mesmo movimento, a uma lógica cultural que valoriza o relativismo e a (in) diferença, a um conjunto de processos intelectuais flutuantes e indeterminados, a uma configuração de traços sociais que significaria a erupção de um movimento de descontinuidade da condição moderna: mudanças dos sistemas produtivos e crise do trabalho, eclipse da historicidade, crise do individualismo e **onipresença da cultura narcisista** de massa. (...) Mudam-se valores: é o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz, o **individualismo**, que valem. A aceleração transforma o consumo numa rapidez nunca vivenciada: tudo é descartável (desde copos a maridos/ou esposas), [até a própria história]. A publicidade manipula desejos, promove a sedução, cria novas imagens e signos, eventos como espetáculos, valorizando o que a mídia dá ao **transitório da vida**”. (CAVALCANTE, 2018, p. 1, grifo nosso).

palavras, o indivíduo ambiciona valorizar-se acima de tudo. Portanto, a corporalidade¹² está em cena.

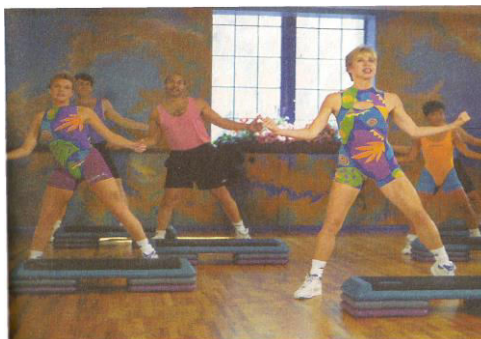


Figura 4 – O corpo em forma eleva a autoestima e contribui na afirmação da individualidade – segundo a mentalidade pós-moderna.
Fonte: Schmidt (2005, p. 315).

É importante expressar também que a pós-modernidade está permeada pela cultura do simulacro, que denota a simulação da realidade através da virtualização do indivíduo. Isso significa considerar que a imagem virtual torna o homem refém da hiper-realidade. Na sociedade pós-tecnológica, o que vale é a imagem. Logo, o corpo entra nessa onda como “(...) uma constante construção cultural, sujeito às **leis** e **fantasias** da cultura em que se vive” (RAMOS, 2001, p. 93, grifo nosso).

Nesse contexto, o aparato biológico humano precisa ser aperfeiçoado para poder existir culturalmente no mundo da virtualidade. Por isso, o corpo malhado, tatuado, marcado com as insígnias da mentalidade pós-moderna, promove a espetacularização, objetivando elevar-se para igualmente, ofuscar as imperfeições corporais. Afinal, a imagem real necessita competir com a imagem virtual.

Assim, os adornos corpóreos se apresentam como estilizadores do corpo, visto como uma “escultura viva”¹³. Nesse aspecto, a tatuagem, a serviço da beleza, procurando ocultar as falhas corporais, aparece também como um elemento imagético que auxilia na satisfação humana.

Para ilustrar a situação, Barreira (1998, p. 61) nos informa que,

Além de adorno, a tatuagem também pode servir para disfarçar pequenos defeitos. A dentista Delaine Pires Roman, de 30 anos, por exemplo, resolveu desenhar um beija-flor azulado sobre a cicatriz de uma operação de apêndice. “Ele escondeu uma marca incômoda”,

¹² Qualidade e percepção corporal.

¹³ Expressão cunhada por Célia Maria Antonacci Ramos, em seu livro: **Teorias da Tatuagem: corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tattoo da Pedra**, 2001.

conta ela, que já possuía uma rosa vermelha tatuada nas costas. Algum tempo depois, Delaine repetiu a dose para esconder uma falha do lábio superior. “Recorri a dermopigmentação, também chamada de maquiagem definitiva, que usa a mesma máquina e pigmentos da tatuagem comum”, conta. Satisfeita com o resultado obtido, Delaine aconselha tons suaves, bem perto do natural, pois a remoção requer o mesmo empenho de uma tatuagem comum.

Ainda sobre a noção de espetacularização do corpo, é possível dizer que muitos indivíduos, devido à procura obcecada por fetiches corporais, tornam-se objetos do próprio objeto. A mercadoria, ao se transferir para os corpos, aliena as ditas individualidades, muitas vezes, desencadeando crises identitárias. Aliás, na pós-modernidade, a “escultura viva” em sua essência natural não tem valor, o que importa é a valorização da mesma para fins midiaticáveis. Em outros termos, o corpo deve ser o espaço da mercadoria, da roupa de marca, da tatuagem, do *piercing*, do consumo, enfim; anunciando, dessa forma, sua adesão a um sistema consumista.

Ilustrando parte dessa conjuntura consumista, é interessante expressar que,

A tatuagem nunca esteve tão na moda. É impossível ir a uma praia e não encontrar um golfinho estampado na coxa de uma garota, ou o tradicional dragão no braço de um surfista. Mesmo sem estimativas concretas, os tatuadores brasileiros confirmam que a procura tem aumentado a cada verão. “A corrida aos estúdios começa em setembro, quando o movimento quase dobra”, comprova a tatuadora paulista Cláudia Macá, 14 anos de profissão. E esse *boom* é mundial. Nos Estados Unidos, contam-se mais de 40 milhões de pessoas adeptas do tal fetiche. Na Europa, o aumento da demanda deu origem a uma nova disciplina acadêmica, a Psicologia da Tatuagem, ensinada nas universidades de Milão e Roma. Muita gente está pulando de cabeça nessa onda e muitas vezes sem se dar conta de que há contradições. A mais importante é que, apesar do modismo, tatuagem não sai do corpo e, ao contrário de uma etiqueta, não pode ser trocada a cada estação (Id., 1998, p. 55).

Portanto, quanto à máxima pós-moderna - o consumismo -, podemos dizer que ela acaba consumindo o próprio indivíduo. Todavia, isto não ocorreu aos adeptos dos movimentos de **contracultura** dos períodos iniciais dos “anos rebeldes”.

Assim, contextualizando historicamente, nos anos 60, o mundo capitalista passou a ser contestado pela força jovem. Descontentes com a sociedade de consumo, muitos adolescentes cultivavam a ideia de que o sistema devia mudar.

Destarte,

A moçada acreditava que não bastava transformara estrutura econômica e o Estado. Era preciso mudar a própria maneira de se comportar e de sentir das pessoas, sua vida cotidiana, o dia-a-dia. A revolução deveria ser total. Viviam-se a cultura de protesto e a contracultura. Os jovens gostavam de mostrar que eram rebeldes, que contestavam todos os valores estabelecidos. **Uma das formas [...] de fazer isso era através da moda:** os homens começaram a usar cabelos compridos, [tatuagens], enquanto as moças vestiam minissaias. As roupas possuíam coloridos fortes, cheios de flores e imagens que pareciam alucinações (chamadas de psicodélicas) (SCHMIDT, 2005, p. 249, grifo nosso).

Além disso,

(...) falava-se de uma nova consciência, de uma nova era (...). Inicialmente, o movimento (foi) caracterizado por seus sinais mais evidentes: cabelos compridos (já citados), roupas coloridas, misticismo (voltado para o orientalismo), um tipo de música, (etc.) (...). (...) (Resumindo), a contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude (...) que marcaram os anos 60: o movimento *hippie*, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, (...) orientalismo e assim por diante (PEREIRA, 1985, apud SCHMIDT, 2005, p. 254).

Apesar de o modismo ter sido um dos pontos de partida para os jovens da contracultura contestar o sistema, é reconhecível que a moda não os consumiu. Na verdade, a juventude da época não pretendia mercantilizar o corpo, tornando-o consumidor assíduo da mercadoria. Mas sim, através dele, demonstrar o desencanto com o consumismo e com os valores tradicionais do ideário cristão-burguês.

Desse modo, a mocidade buscava dizer que “(...) tanto o corpo quanto a arte não [eram] mais para ser contemplados ou mercantilizados, mas vivenciados em todas as suas possibilidades” (RAMOS, 2001, p. 117). Portanto, na contracultura visava-se o corpo místico em detrimento ao corpo terreno. Ou ainda, pretendia-se, através das manifestações corporais, chegar ao êxtase da espiritualidade. Por isso, o misticismo oriental esteve presente no cotidiano da moçada dita rebelde.

Mediante essas colocações, é possível salientar que as marcas corporais do período não tinham a intenção de espetacularizar o corpo material, mas sim elevar o místico. As tatuagens, por exemplo, além de manifestar o descontentamento com a ideologia cristã de doutrinação do corpo, procuravam comunicar à sociedade burguesa a significação que o indivíduo dava às forças divinas do cosmo.

A juventude dos “anos rebeldes”, calcada numa nova consciência, intentou anunciar antecipadamente o movimento da “Nova Era”¹⁴. Contudo, a cultura de protesto esbarrou na inexorabilidade do sistema, que esfacelou, posteriormente, a onda utópica dos anos 60. Os últimos brados do movimento de contestação deram conta de exclamar: o sonho acabou! Todavia, é válido pronunciar que a contracultura legou-nos significativos aspectos do ideal de emancipação corporal e espiritual, entre outros.

Porém, ao buscar a individuação, o homem pós-moderno desmorona-se no consumismo, consumindo-se pela mercadoria. Ademais, a ortodoxia cristã ainda codifica o corpo como “templo do espírito”, proscrevendo, dessa forma, qualquer prática de intervenção corpórea que venha corromper a intitulada “criação de Deus”.

Nesse contexto, o corpo disciplinado pelos dogmas cristãos não deve se opor ao tempo sacro. Deve, portanto, impedir a sua secularização ou profanação. Assim, a intervenção-tatuagem é interpretada como mácula corporal, que viola os limites da “escultura viva”.

Por conseguinte, o discurso cristão frente ao entusiasmo da aparente liberação corporal da pós-modernidade, demonstra a sua preocupação:

A cada dia aumenta o número de jovens que usam tatuagens e *piercing*. Jovens dos mais diferentes níveis sociais, culturais e religiosos fazem questão de mostrar esses símbolos no seu corpo. É quase impossível ir a um lugar público e não encontrar alguém com uma tatuagem ou um *piercing* em alguma parte do corpo. À primeira vista tem-se a impressão de tratar-se de mais uma moda inocente. **Aí está o grave engano.** Por trás desses desenhos e pequenos adornos encontra-se uma **sutil cilada** da atual **onda esotérica** (GAMBARINI, 2004, p. 11, grifo nosso).

Cabe aqui mencionar que a ambígua alusão feita ao esoterismo¹⁵ sugere a intenção de demonizar os ideais da “Nova Era”. Como sabemos, a ideologia teocêntrica, pautada no princípio maniqueísta¹⁶, tende a repelir tudo aquilo que julga

¹⁴“A Nova Era (...) não se trata de uma seita, de uma igreja organizada nem propriamente de uma religião. É uma forma de ver, pensar e agir adotada por muitas pessoas e organizações, com a finalidade de mudar o mundo seguindo certas crenças em comum. (...) Essa tendência fala dos temas mais variados: Deus, o destino do homem, saúde, morte e outras vidas, meditação (como ioga, meditação transcendental), arte. (...) (Uma das principais crenças defendidas pelo movimento, está baseada na ideia de que) cada homem buscará a sua própria verdade. Não existe o mal (pecado), tudo é somente um contínuo crescer até a consciência plena de sua divindade”. (GAMBARINI, Alberto Luiz. **Católico pode ou não pode?**: por quê? 16. ed. São Paulo: Ágape, 2004).

¹⁵ O mesmo que ocultismo.

¹⁶ O maniqueísmo está fundamentado nos princípios opostos do bem e do mal.

ser comprometedor à integridade da fé cristã. Em outro sentido, ela promove a maniqueização das forças cósmicas.

Portanto, adornos e desenhos corporais que trazem símbolos da atual onda esotérica, segundo o discurso teocêntrico, guardam nas tramas simbólicas a negação de Cristo e de sua Era. Logo, não devem ser usados.

Nesse aspecto, torna-se interessante ilustrar alguns motivos ditos esotéricos e a respectiva leitura cristã.



Figura 5 – Olho de Lúcifer. Usado em roupas e outros meios. Simboliza o olho de satanás vendo tudo e chorando por aqueles que estão fora do seu alcance.

Fonte: Gambarini (2004, p. 128).

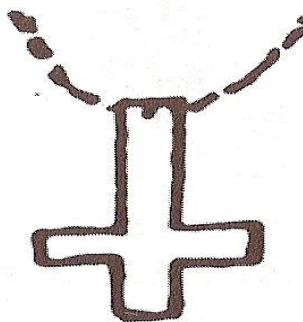


Figura 6 – Cruz virada para baixo. Usada por grupos de *rock* e adeptos da Nova Era. Simboliza zombaria da cruz de Jesus. Usada também em rituais satânicos.

Fonte: Gambarini (2004, p. 119).



Figura 7 – Cruz com laço. Simboliza o desprezo da virgindade, troca de parceiros conforme a escolha pessoal. O movimento Nova Era ensina que a sexualidade é a parte que purifica o ser humano, eleva o espírito e embeleza o corpo. É a volta ao paganismo antigo.
Fonte: Gambarini (2004, p. 125).

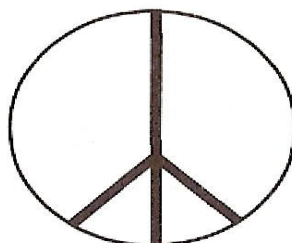


Figura 8 – Cruz de Nero. Simboliza a “verdadeira” paz sem Cristo. Na década de 60 foi usada pelos *hippies*; também foi símbolo de ecologia no mundo, pois representa uma árvore de cabeça para baixo.
Fonte: Gambarini (2004, p. 123).

Contudo, não devemos admitir a unicidade nas leituras simbólicas, pois os símbolos estão impregnados de noções ideológicas que variam no tempo e no espaço. Eles são construções sociais decorrentes de diversas épocas históricas. Portanto, “(...) (os) símbolos vivem mais longamente que homens” (PROSS apud RAMOS, 2001, p. 55).

Todavia,

(...) (proibi-los), sempre foi, ao longo da história, medida inútil para combater a causa que o símbolo representa. Além de inútil, serviu em alguns casos para alimentar a causa, fazendo-a crescer e se propagar. Não há exemplo maior do que a cruz – símbolo de ignomínia que o cristianismo assumiu, morreu por ela e com ela. (...) No caso da suástica, ela é anterior ao nazismo. Serviu de logomarca a movimentos não ideológicos desde o século 10. Evidente que ganhou trágica associação com o nazismo. Combatê-la, como símbolo, é bobagem. (Logo, os símbolos não são **malgnos**) (CONY apud MOTA; BRAICK, 1997, p. 508, grifo nosso).

Posto isto, fica evidente que a proscrição dos símbolos “esotéricos” pela esfera cristã, torna-se inútil. Na verdade, o que se deve moderar é a causa que o símbolo representa e não ele próprio. Ademais, qualquer elemento imagético pode assumir diversos significados, de acordo com distintas mentalidades. Afinal, se os “símbolos vivem mais longamente que homens”, podemos dizer que eles estão inseridos num processo de ressignificações.

Em última análise, revisitando o homem da sociedade pós-tecnológica, é possível considerar que sua corporalidade está cerceada pelo embate entre o “sagrado” e o “secular”. Por um lado, buscando secularizar-se, o indivíduo pós-moderno adere à cultura da autodisciplina, tendo como “dogmas corporais”, regimes de baixas calorias, aeróbica, intervenções estéticas (cirurgia plástica, maquiagem definitiva, tatuagem, *piercing*), etc. No entanto, a sua obsessão pelo jovem, esbelto, liso, polido, constitui-se numa ilusória “(...) negação laboriosa de sua morte próxima”. (COURTINE, 1996 apud RAMOS, 2001, p. 109).

Por outro lado, ao procurar a individuação espiritual e corporal, ele se vê vigiado por uma herança cristã que percebe nos prazeres do toque, a dissolução e corrupção da carne. Enfim, a inexorabilidade do tempo vivido, a volatilidade das informações e os reflexos do conservadorismo cristão-burguês parecem ter sitiado o *homo sapiens* no caos da pós-modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar o “universo da tatuagem” possibilitou-nos empreender uma instigante caminhada. Assim, descortinando seu passado remoto, observamos sua relação com a diversidade cultural. Fazendo parte de contextos étnico-culturais distintos, a cultura da tatuagem demonstra estar entrelaçada às representações do cotidiano social.

Servindo para marcar etapas da vida biológica e social de determinados grupos, as **marcas corporais**, ao longo da história, têm ilustrado nascimentos, período de infância, adolescência, reprodução, morte, casamentos, celebrações de vitórias e rituais diversos.

Ademais, elas se configuram como um antídoto para o esquecimento, tornando indelével, o repertório de acontecimentos importantes da vida. Afinal, marca guerreira, símbolo de coragem, signo de integração entre as tribos, que lutam aguerridamente contra a volatilidade da memória individual e coletiva.

Portanto, a tatuagem se apresenta como

(...) um veículo para perceber as **memórias** da inscrição, os mitos e hábitos atuais que sugerem as figuras tatuadas: caveiras, flores, mulheres, animais... desenhados em diferentes partes do corpo vestem e despem ao mesmo tempo as subjetividades de cada um. Indicam territórios corporais, sociais e mitológicos, roçam de diferentes maneiras o impensável, o imponderável, mas também podem sugerir o clichê ou ainda, a ironia e o humor. A tatuagem é nesse aspecto, concebida como uma **forma de comunicação corporal**, na qual cada tatuado se dispõe às incisões da história, há muito responsável por marcar os corpos para melhor socializá-los (SANT'ANNA apud RAMOS, 2001, p. 13, grifo nosso).

Todavia, vale reiterar que algumas sociedades ainda estigmatizam a prática e manifestação cultural da tatuagem, pelo fato de conservarem o legado judaico-cristão. O corpo é codificado como “templo do espírito”, não sendo permitido o espaço para as “máculas corporais”.

Nesse aspecto, “(...) o homem, criado por Deus a sua imagem e semelhança, segundo o Gênesis, é signo da imortalidade pela Redenção e não pode macular seu corpo, pois guarda seu corpo para o amanhã, para a eternidade” (RAMOS, 2001, p. 109). Ou ainda, “(...) não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis? Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo” (I CORÍNTIOS, 6, 19-20).

Posto isto, é necessário dizer que os estereótipos e preconceitos concebidos em torno da cultura da tatuagem estão, de modo geral, relacionados a uma herança cristã que preserva o corpo para o amanhã da eternidade.

Contudo, os resultados da pesquisa também indicam que há tempos, no mundo ocidentalizado, se procura romper com os tabus cristãos de doutrinação do corpo, para que venha possibilitar a sua ressignificação.

No entanto, a obstinação pela secularização na pós-modernidade tem estimulado o indivíduo a supervalorizar a “escultura viva” a ponto de confiná-la na fatigante autodisciplina, estabelecendo-se os “dogmas corporais”. Além disso, é

preciso expressar que o corpo pós-moderno perdeu a essência da comunicabilidade, buscando mais o virtual que o real.

Nesse contexto, podemos dizer que,

(...) há muito o modelo de corpo comunicativo deixou de existir. O humanismo proposto no Renascimento não liberou o corpo dos tabus judaicos e cristãos. (...) (Ademais), o corpo continuou a ser negado em favor da **promessa** de um sistema social mais evoluído no além. [Entretanto], essa crença, ao castrar a presença do **corpo** nos relacionamentos sociais, não difere sensivelmente das modernas representações gráficas de um **corpo digital**, isto é, ausente (RAMOS, 2001, p. 177, grifo nosso).

Assim, mediante essas colocações, reiteramos a importância deste estudo no âmbito da diversidade cultural, pois sua fundamentação e desfecho viabilizaram verificar uma série de questões a respeito da cultura da tatuagem e da corporalidade que, para nós, eram lacunares. Enfim, ao transitarmos por áreas do conhecimento como História, Sociologia, Antropologia, entre outras, percebemos também a relevância da interdisciplinaridade.

Por fim, para quem deseja proceder a uma investigação científica nesta temática, sugerimos que amplie o universo da pesquisa. Como sugestões, pode-se empreender um estudo sobre os simbolismos e significados de alguns motivos (desenhos) de tatuagens, sob a ótica de determinados grupos sociais, tendo como fundamentação teórica o campo da Teoria da Semiótica. Ou também, realizar uma pesquisa sobre os significados da prática de tatuagem em tribos de surfistas, “patricinhas”, roqueiros, motoqueiros, etc.

Afinal, este trabalho não visa esgotar o assunto. Pelo contrário, desejamos que os leitores penetrem nesse “universo da tatuagem” e, através de novas pesquisas, tragam conhecimentos ainda não revelados, principalmente no âmbito de nosso cotidiano, lugar mais comum da manifestação cultural da tatuagem.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, Solange. O charme da tatuagem marca para sempre. **Galileu**. São Paulo, ano 8, n. 86, pp. 54-61, setembro 1998.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional/Paulus, 1990.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. **O conceito de pós-modernidade na sociedade atual**; Meu Artigo – Brasil Escola. Disponível em <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/geografia/o-conceito-posmodernidade-na-sociedade-atual.htm>>. Acesso em 02 de fev. de 2018.

COSTA, Ana. **Tatuagem e marcas corporais**: atualizações do sagrado. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

GAMBARINI, Alberto Luiz. **Católico pode ou não pode?**: por quê? 16 ed. São Paulo: Ágape, 2004.

GOURHAN, A. Leroi. **As religiões da pré-história**. Tradução de Maria Inês Souza Ferro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1965.

KATAOKA, Flávio. Um pouco de história. **Tattoo Creator**. São Paulo, ano 1, n. 01, pp. 6-11, 2003.

LELOUP, Jean-Yves. **O corpo e seus símbolos**: uma antropologia essencial. 12 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MIRANDA, Cynthia. Carteira de identidade. **Aventuras na história**. São Paulo, n. 12, p. 23, agosto 2004.

MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo: Moderna, 1997.

PIERRAT, J.; GUILLON, E. **Les hommes illustrés**: le tatouage des origines a nos jours. Tours: Larivière, 2000.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Teorias da tatuagem**: corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tattoo da Pedra. Florianópolis (SC): Ed. UDESC, 2001.

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova história crítica**. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Nova Geração, 2005.

TERÇA Selvagem. Produção: Toby Beach; Peter Yost e Pamela Caragol. Narrador: David McCallum. Estados Unidos: National Geographic Channel, © Copyright 2002, NET, Inc. Produzido por National Geographic Television and Film Production, 2002. DVD (37 min), son., color.